

Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil

Tânia Elias Magno da Silva – UFS

RESUMO

O artigo discute a atualidade do pensamento de Josué de Castro. Segue os itinerários traçados pelo autor para seus estudos sobre a fome, desde a descoberta desse flagelo quando ainda criança, a sua formação no campo médico e sua especialização em doenças da alimentação, até sua inserção nos estudos de cunho social e político sobre o tema, o marco que representou o Mapa da Fome no Brasil, seu legado ao campo de estudos sociológicos para uma sociologia da fome, e conclui com o olhar prospectivo do autor sobre o destino do planeta.

Palavras-chave: Josué de Castro. Fome. Sociologia da Fome.

ABSTRACT

This article talks about the Josue de Castro's thinking nowadays. It follows the way done by the author on his studies about the hungry since the discovery of it when he was still a child, his formation on the medical field and specialization on feeding diseases, untill his insertion on social and polical studies about the subject. This article also explains the importance of Brazil's Hungry Map and ends talking about the author's prospective thoughts about planet's fate.

Keywords: Josué de Castro. Hungry. Hungry Sociology.

O que eu chamo a fome, no sentido sociológico do termo, é o estado de grupos humanos que não têm a possibilidade de se alimentar de um modo adequado. Há diferentes formas de fome. Há a fome aguda, isto é: a fome calamitosa e as fomes crônicas. Entre estas, há as fomes específicas — a falta de certos alimentos essenciais ao equilíbrio nutritivo; proteínas, ácidos aminados, vitaminas, sais minerais, cálcio, ferro, etc. Nas regiões subdesenvolvidas, encontram-se em geral formas compostas dessas diferentes fomes: fome de proteínas e de ferro, que causa a anemia tropical; fome de cálcio e de sódio, que se traduz por outra síndrome etc. Há formas discretas que não engendram nenhuma doença da desnutrição caracterizada, mas somente um desequilíbrio

fisiológico e na maior vulnerabilidade as outras doenças. A fome é a expressão biológica do fenômeno econômico e social do subdesenvolvimento (FOME é a vergonha do mundo, 1960).

A fome evidencia um dos retratos mais cruéis da intolerância, em especial a fome que perdura nos tempos de abundância e resulta do desperdício, da ganância que grassa nos nichos de riqueza, aquela que mata lentamente, que age em surdina resultante da subalimentação. Fome matreira que engana os famintos que pensam que estão alimentados porque comem, ou melhor, enchem os estômagos, mas que conduz a uma morte lenta, perversa, que não faz barulho, que não incomoda, pois pode passar despercebida, mascarada por outra causa.

Como afirmou Câmara Cascudo (1958), a fome nunca foi tema para as salas de visitas, não leva ninguém a simpatizar ideal e romanticamente com o assunto. “A palavra fome é humilhante, inferior, indigna de todos os códigos de boa educação. Dizer que se tem fome, quando o almoço se eterniza, é um primor de deseducação” (CASCUDO, 1958, p. 296).

Os quadros da fome são indigestos. Desviamos nosso olhar quando vemos um faminto, mudamos de assunto quando este é o tema, falamos da abundância, das promessas futuras frente às conquistas e avanços no campo tecnológico e científico, da esperança de dias melhores, fugimos do tema por ser incômodo e desagradável, assim como fugimos dos famintos por temê-los.

Consciente de que o tema da fome não era agradável e nem belo, ao escrever em 1946 o prefácio da primeira edição de seu livro *Geografia da Fome*, Josué de Castro alerta os leitores de que este, a fome, era um assunto delicado e perigoso por suas implicações políticas e sociais, de modo que havia até então permanecido, assim como o tema do sexo, como um dos tabus de nossa civilização.

O objetivo do presente artigo é evidenciar a atualidade e importância dos estudos realizados por Josué de Castro ao longo de sua vida, sua contribuição ao desmascaramento das causas estruturais da fome, tanto no Brasil como no mundo, sua intensa militância no combate a fome e as desigualdades sociais, bem como sua visão prognóstica sobre o destino planetário. As denúncias e análises feitas por Josué de Castro há mais de 35 anos, parecem ter sido redigidas ontem, quiçá hoje, pois vivemos ainda o desafio de varrer a fome da face do planeta. Apesar de todo o avanço no campo científico e tecnológico este é um flagelo que ainda vitima dois terços da população do mundo. O artigo segue os itinerários traçados pelo autor para seus estudos sobre a fome, desde sua descoberta do flagelo quando ainda criança, passando por sua formação no campo médico e sua especialização em doenças da alimentação, até sua inserção nos estudos de cunho social e político sobre o tema. Analisa a importância que representou o Mapa da Fome no Brasil traçado pelo autor na obra *Geografia da Fome*, seu legado ao campo de estudos

sociológicos e sua contribuição para a elaboração de uma sociologia da fome, e conclui com o olhar prospectivo do autor sobre o destino do planeta.

O AUTOR EM FOCO

Josué Apolônio de Castro, ou simplesmente Josué de Castro como gostava de ser chamado, era formado em Medicina e especializado em doenças da nutrição. Foi ser médico não por vocação, por escolha própria, e sim como ele próprio confessou certa vez, para satisfazer a vontade da mãe que sonhava em ver o filho médico: *“não fui ser médico por vocação, mas porque mamãe sonhava com isso”*. De médico a cientista social não demorou muito e neste percurso acabou também geógrafo, sociólogo, professor, político e escritor. Ganhou notoriedade nacional e internacional em meados da década de 1940 e início da de 1950 ao publicar suas duas obras marcos: *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951). Na primeira analisa a fome no Brasil, na segunda faz um estudo da fome no mundo.

Em 1932, professor da Faculdade de Medicina de Recife, publica seu primeiro livro: *O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil* e, ao lançar *Geografia da Fome*, já havia publicado no campo médico nutricional e no campo da investigação social, aliado aos problemas alimentares, cerca de doze livros, além de inúmeros artigos, proferido uma enorme quantidade de palestras e conferências, bem como integrado uma série de Comissões e Projetos de estudo visando solucionar o problema da fome, tanto a nível nacional como internacional.

Exerceu por duas vezes consecutivas o cargo de presidente da FAO (1952-1956), mas ao ser eleito pela primeira vez para o cargo já era um pesquisador conhecido e reconhecido neste campo do conhecimento e um militante no combate a desigualdade social, a miséria e a fome. Era uma voz respeitada na defesa dos interesses dos povos do Terceiro Mundo.

Em 1964, quando representava o Brasil como embaixador junto as Nações Unidas em Genebra, é cassado e têm seus direitos políticos suspensos. Considerado perigoso, subversivo é impedido de retornar ao Brasil e fixa residência em Paris onde passa lecionar na recém fundada Universidade de Vincennes. Embora saudoso de sua terra natal e sempre alimentando o sonho de poder um dia retornar ao Brasil, só o faz depois de morto, para ser enterrado, sem nenhuma pompa e vigiado pelos agentes de segurança, em setembro de 1973. Morto, continuava ainda ser visto como uma ameaça.

Josué, como afirmou a escritora Pearl Buck no prefácio de *Geopolítica da Fome* (1953), era um homem do mundo, produto da realidade que denunciava e contra a qual lutava, pois fora ele também um personagem deste drama e não podia fugir a influência que a realidade exerce sobre as nossas ações.

Afinal, a realidade como afirma Gustavo Dahal (1965), não é inofensiva, ela pulsa, lateja, rica de um rio que dentro dela corre e se chama História.

A produção intelectual e a trajetória de lutas de Josué de Castro são praticamente desconhecidas pela grande maioria dos brasileiros nascidos após o golpe militar de 1964. O autor de *Geografia da Fome* foi vítima de um ostracismo perverso decorrente tanto da cassação que o baniu de sua terra e o obrigou a viver até o fim de seus dias em terras estrangeiras, como o impetrado pela mediocridade de setores de nossa pretensa intelectualidade, tanto de direita como de esquerda, que o consideravam um homem de ideias perigosas, ou por ser comunista ou por ser burguês e, assim, pretendendo fazer justiça, quedaram-no ao esquecimento.

Refletir sobre a contribuição de Josué de Castro para se compreender as contradições que marcam a realidade brasileira é refletir sobre a dura realidade a que está submetida imensa parcela da população que sobrevive ainda miseravelmente em um país de abundância de terra e de riquezas naturais. Sua extensa obra denuncia as injustiças sociais, a ganância dos países ricos e de um modelo econômico perverso que necessita da criação de imensos continentes de miséria para que possa criar suas ilhas de abundância. É um grito contra a exploração de seres humanos e a indiferença do mundo frente à imensa procissão de famintos que clamam por justiça e pelo direito de viverem condignamente. É uma obra política.

JOSUÉ E A DESCOBERTA DA FOME: O INÍCIO DA TRAJETÓRIA

A história de vida do autor está ligada ao flagelo da fome e de suas raízes históricas. O pai, Manoel de Castro, morador no município de Cabaceiras na Paraíba, foi com toda a sua família retirante da seca de 1877, uma das grandes secas que atingiu toda a zona do sertão nordestino, até hoje lembrada pelas inúmeras vidas humanas que ceifou.

Fugindo do flagelo em busca de vida, assim como tantos outros retirantes, a família do pai de Josué acabou arranchando na cidade de Recife, onde nasceu nosso autor em 05 de setembro de 1908, numa casa próxima aos mangues do Capibaribe, no bairro da Madalena. Era uma velha casa colonial de grandes quintais, onde o pai tinha um pequeno criatório de gado que lhe garantia o sustento com a venda do leite.

A mãe, Josefa Carneiro de Castro, filha adotiva de fazendeiros da gorda zona canavieira pernambucana, separou-se do marido quando o filho tinha quatro anos de idade e até os oito anos Josué viveu com a mãe no bairro da Madalena e, segundo seu próprio depoimento, foram anos de muitas privações e

de fome, pois naquela época os maridos não eram obrigados a assumir nenhum compromisso quando o casal se separava e a mãe sobrevivia dos poucos rendimentos que ganhava como professora, dando aulas para os meninos pobres da vizinhança.

Foi nos mangues de Recife que aprendeu suas primeiras lições sobre a miséria e a fome, foi lá a sua grande escola. Ao escrever seu único romance *Homens e Caranguejos* (1967) trás para as páginas ficcionais toda uma realidade que havia visto e vivido, é o romance, em certo sentido, uma quase biografia. A essa experiência de convivência com os trágicos quadros da fome e da miséria nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife – Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite, Josué chamará mais tarde de sua Sorbonne.

Do pai aprendeu muito sobre as agruras da seca, sobre a tragédia que abateu a família em 1877 e as dificuldades e privações porque esta passou ao ter que se retirar do sertão paraibano para não morrer de fome. A fome cercou seu mundo na infância, sempre cantada nas feiras pelos violeiros, presente também nas trovas do bumba-meu-boi, que encantavam as suas tardes de passeio e recordada pelo autor em *Documentário do Nordeste* (1957) e *Homens e Caranguejos* (1967).

Os meninos pobres da vizinhança foram durante um período de sua infância os colegas de brincadeira na rua, onde vivia descalço a jogar pião, correr, a “aprontar” como era comum aos meninos de sua idade, e é ele mesmo que confessa que os contatos humanos mais proveitosos que teve na infância, a seu ver, foram os contatos com essa gente do povo, que mais tarde iriam lhe orientar nos estudos de categoria social.

Menino, de olhos atentos, despertando para o mundo, guardou na memória, como cenas inapagáveis, os trágicos quadros da fome que embalaram suas tardes de brincadeiras na rua, e que lhe revelavam os contrastes entre a riqueza e a pobreza, a fartura e a miséria, a ganância e a injustiça social que desfilavam a sua frente. Deixaram marcas que nunca se apagaram. Marcas que registra em *Homens e Caranguejos*:

Jamais esquecerei as ‘turmas’ desses infelizes desfiles de homens-caranguejos, procissão de fantasmas detendo-se as vezes para ouvir o ‘Bumba-meu-Boi’ onde o boi era o mais estranho animal que podiam ver os meus olhos de criança. [...] O vaqueiro contava que seu boi havia morrido de fome e seu canto era uma ladaíinha dolorosa. [...] Eu pensava que a fome era coisa do meu bairro. ‘Coisas de Recife’ eu dizia. Depois saí no mundo e encontrei que a fome, a miséria não eram nossa exclusividade. Não era a fome privilégio dos caranguejos e dos homens de Recife. A fome era universal (CASTRO, 1967, p. 11).

DE MÉDICO A CIENTISTA SOCIAL

Concluído o curso de Medicina no Rio de Janeiro em 1929¹, e de regresso da viagem que fez ao exterior em 1930², Josué de Castro retorna a Recife, mas o início de sua carreira foi árduo, mesclando realizações, decepções, desafetos, vitórias e dificuldades. Esses primeiros anos de trabalho são por ele lembrados:

Formado fui para Recife. Ia para a Secretaria da Educação. Olívio Montenegro, Sílvio Rabelo, Gilberto Freire e outros eram do grupo de José Maria Belo, que ia ser governador. Um cargo na Educação me estava destinado por todos êles. Foi quando estalou a revolução de 30, com a vitória da revolução foram-se os sonhos de um bom emprego na administração de Pernambuco. Não houve posse e a coisa gorou. Abri então, consultório, prá fazer nutrição. Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas o Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição. Um só livro, O Tratado, de Umber, figurava na biblioteca. As doenças da nutrição eram cinco na época: obesidade, magreza, diabete, gôta, reumatismo. Como era coisa nova, passei a ter uma clínica brutal, apesar de minha cara de menino que assustava os primeiros clientes (SILVA, 1998, p. 47-48)³.

- 1 Os dois primeiros anos do curso de Medicina foram cursados na Bahia, na Faculdade de Medicina da cidade de Salvador. É desta época o seu encontro e encantamento pelo colega já veterano no curso Arthur Ramos e foi pela influencia deste que pretendeu seguir a carreira na área de psiquiatria.
- 2 Josué de Castro não compareceu a sua colação de grau, pois viajou no mesmo dia para o México, chefiando uma delegação de estudantes universitários brasileiros para a posse do presidente Pascoal Rúbio de quem era amigo e logo em seguida para os Estados Unidos da América do Norte para um estágio na área médica voltada para problemas alimentares. Vide a respeito, Silva, 1998.
- 3 Josué de Castro queria ser psiquiatra por influência de Arthur Ramos que foi seu colega na Faculdade de Medicina da Bahia e que como médico psiquiatra pode se dedicar a literatura e estudos antropológicos. Josué era admirador de Arthur Ramos e nunca negou essa admiração.

Em 1932, após a experiência como médico em uma fábrica e a constatação do grau de penúria a que estavam sujeitos os operários, realiza um estudo de natureza científica, o primeiro no gênero a ser realizado no Brasil, no intuito de denunciar o problema da carência alimentar dos trabalhadores em Recife, conforme relembra:

Em 1932 passamos a uma fase de vida mais séria. De preocupações mais construtivas. Dois anos como médico de uma fábrica e a experiência direta que aí tive da miséria de nossos operários – experiência que utilizei no campo da ficção no conto ‘Assistência Social’ me levaram a convicção de que era absolutamente necessário proceder-se um estudo mais objetivo desta miséria aludida, referida ou combatida por muitos, mas até então não comprovada com rigorismo científico. Foi então que realizei o inquérito sobre ‘As condições de Vida das Classes Operárias do Recife’, em 1932, o primeiro a ser levado a efeito no país e cujos resultados impressionantes repercutiram violentamente nos meios cultos, chamando a atenção das elites para o problema da fome nacional. Logo a seguir, sob a inspiração deste inquérito, realizaram-se outros no Rio, São Paulo etc. (apud SILVA, 1998, 50).

A dura constatação de que a baixa produtividade dos operários devia-se à fome, despertaram-no para a consciência do problema, conforme explicita em entrevista concedida em 1963.

No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões. ‘Sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não o diretor daqui. A doença dessa gente... é fome’. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal (A NOITE ilustrada, 1963, p. 12).

E conclui num desabafo que une passado e presente, mostrando, como ele próprio já havia afirmado, que o tempo conta pouco nas terras da miséria:

- Hoje os jornais publicam estarecidos: ‘a cada dia da semana, dez mil pessoas morrem de fome na terra: mais que em qualquer outro período da história.

Na Índia, nos próximos dez anos, cinquenta milhões de crianças morrerão de fome. Mais de um bilhão e meio de pessoas vivem, neste momento, com a fome na cabeça, no ventre, no coração' – E os homens? Realizamos uma revolução material. Mas recuamos diante de uma revolução mental (p. 13).

No conto *Assistência Social*, publicado em *Documentário do Nordeste*, é possível reconhecer no personagem Dr. Félix a sua própria figura e a sua frustrante experiência como médico em uma fábrica. O conto é o desabafo do poeta diante da dura realidade enfrentada pelo cientista. É ele o médico incapaz com toda a sua ciência e boa vontade de curar a fome, doença que mata sem piedade e com uma crueldade atroz. A fome de alimentos que mata os pobres, e a fome de encontrar uma solução para este flagelo criado pelos homens, passa a devorá-lo pouco a pouco, inspirando-o em textos literários nos quais retrata parte de sua própria história de vida.

[...] o Dr. Félix começou a pensar nas coisas tristes da sua vida, na sua vida inteira de coisas tristes: seis anos de estudos, de sacrifícios, de 'médica e pão com manteiga', para se formar em medicina, para ser doutor. Para quê? [...] Médico, profissão liberal. Lorota. Liberal para quem tem pai fazendeiro, capitalista, para pagar um consultório de luxo, para pagar anúncios nos jornais, para pagar os elogios dos amigos, para pagar as boas relações. Pai ou sogro, mas para quem começa no duro, sem encosto, qual profissão liberal. Assalariado, classe proletária é o que é (CASTRO, 1957, p. 41).

Através dos contos enfeixados na obra *Documentário do Nordeste*, publicados em primeira edição em 1937, que retratam a dura realidade enfrentada pelos excluídos de sua cidade, satisfazia a sua vontade de ser escritor e denunciava a fome e a miséria que campeavam em Recife. Era ele, não raro, que se travestia nos seus personagens, bem como eram as suas lembranças que serviam de matéria para as imagens que construía literariamente e que mais tarde floresceram em escritos como *O Livro Negro da Fome* (1960 – 1ª edição), *Sete Palmos de Terra* e *um Caixão* (1965), além de *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951).

Ao recordar em 1963, a fama e o sucesso obtidos, Josué revela: “Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo” (apud SILVA, 1998, p. 56).

Embora tenha tido sucesso como médico em sua carreira em Recife, em 1935 abandona a clínica, os pacientes, as faculdades de Medicina e Filosofia onde lecionava, transfere-se para a cidade do Rio de Janeiro e inicia uma nova vida. É um início de vida que teve seu começo marcado pelas dificuldades financeiras. Em entrevista concedida anos depois Josué se refere a este difícil começo:

[...] Quando em 1935 deixei o Recife para ir residir no Rio, atravessei um período difícil de experiência de fome, lutando duramente pela subsistência. Escrevendo, tentando clínica, tentando até um concurso de Estatística, onde me aguentei na tese, na sua defesa, na escrita e na oral, mas me achatei definitivamente na prática, diante de máquinas muito mais inteligentes do que o candidato, [...] Foi nesta época (1936), que Roquette Pinto convidado para professor de Antropologia da recém-criada Universidade do Distrito Federal, [...] e não podendo aceitar por motivos de saúde o encargo, indicou o meu nome para substituí-lo. Assim comecei a ensinar no Rio, passando depois para a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (apud SILVA, 1998, p. 65)⁴.

São inúmeros os artigos, bem como as conferências, palestras, discursos e entrevistas concedidas por Josué de Castro, no período de 1937 a 1940, em que a questão fisiológica da alimentação, o problema da higiene e as carências alimentares do povo brasileiro estão entrelaçados. Muitos desses trabalhos apresentados em encontros científicos no Brasil e no exterior, publicados em *Separatas Clínico-Científicas*, foram realizados em colaboração com outros pesquisadores, quase todos ligados ao Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, antiga Universidade do Distrito Federal⁵.

- 4 Os jornais *A Nação*, de 03 de julho de 1936 e o *Diário Carioca*, de 12 de julho de 1936, divulgaram com destaque a nomeação de Josué de Castro para o cargo de Professor da Cadeira de Antropologia Física. A notícia veiculada pelo jornal *A Nação*, depois de se referir elogiosamente ao novo Professor, dando ênfase a sua produção científica e seu mérito como cientista, faz a seguinte ressalva: “Contra o ato que o designou para essas altas funções houve quem se levantasse alegando a falta de títulos do novo professor. Contra o Sr. Josué de castro só se poderiam levantar um argumento, e este já não cabe em nossos dias: “a sua pouca idade”.
- 5 Grande parte desses trabalhos foram inseridos posteriormente em obras do autor, como é o caso de *Ensaio de Biologia Social*, que dedica uma parte para a publicação de uma série de estudos desenvolvidos pelo autor com pesquisadores

A partir da década de 1940 as suas argumentações vão ganhando cada vez mais um forte colorido sociológico e político e o cerne de suas preocupações não recai mais na questão fisiológica do problema alimentar, na análise médica do tema, mas sim no drama da fome como produto do subdesenvolvimento. A fome passa a ser analisada como uma questão política, e é este o diapasão que vai guiar suas análises em Geografia da Fome e nas obras que se seguiram a esta.

O MAPA DA FOME E O BRASIL REAL

Geografia da Fome é dedicado à Raquel de Queiroz e José Américo de Almeida – “romancistas da fome no Brasil” e à memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, “sociólogos da fome no Brasil”. Nesta obra abandona as análises de cunho médico-nutricional e busca através do emprego do método geográfico, inspirado entre outros, na moderna geografia de Vidal de La Blache, Max Sorré e Ratzel, um aprofundamento no campo de estudos da geografia humana e no da sociologia, apresentando os alicerces do que mais tarde constituiria as bases de estudo de sua sociologia da fome.

Através de Geografia da Fome denuncia que o Brasil era um país de famélicos, e para deixar visível essa realidade apresenta pela primeira vez um Mapa da Fome do Brasil, que trás à tona os nichos da fome a partir da divisão do país em cinco regiões alimentares, bem como revela uma verdade que se buscava ocultar nas estatísticas e análises oficiais. Esta obra representou um marco no estudo da realidade brasileira, primeiro por mapear a fome revelando os seus nichos e, segundo, por correlacionar fome e subdesenvolvimento, ou seja, por considerá-la uma questão política.

Ao traçar o Mapa da Fome no Brasil o autor toma como premissa os sistemas alimentares e não as regiões naturais, diferindo da divisão estabelecida em 1943, feita por Fábio de Macedo Soares Guimarães para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que dividia o Brasil em cinco grandes regiões naturais⁶.

do Instituto de Nutrição, aliás instituição fundada por Josué e que depois é anexada a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

6 Ver a respeito: ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: o homem, o cientista e o seu tempo. In: CASTRO, Anna Maria (Org.). **Fome, um tema proibido**: os últimos escritos de Josué de Castro. 3. ed. comemorativa do cinquentário da publicação de Geografia da Fome. Recife: CONDEPE/CEPE, 1996. p. 296-297.

São cinco as “áreas culturais” analisadas na obra: Amazônia, Área da Mata do Nordeste, Sertão do Nordeste, Centro-Oeste e Extremo-Sul, sendo que apenas as três primeiras são consideradas como áreas críticas da fome no país (Cartograma 1). A correlação entre ecologia e alimentação é o fio condutor que busca responder basicamente a duas questões: Por que a fome? Resulta de que fatores?

Em busca de resposta a estas questões detém-se na análise dos hábitos alimentares das populações, com ênfase aos condicionantes históricos, econômicos, culturais e geográficos. Busca detectar e analisar as possíveis correlações entre as condições climáticas, econômicas, políticas, sociais e culturais e os costumes alimentares. O estudo revela como estes fatores condicionaram alguns hábitos alimentares, muitas vezes empobrecendo-os e trazendo como consequência uma série de doenças da fome, como é o caso do beribéri, da pelagra, do escorbuto e da tuberculose, entre outras.



Fonte: CASTRO, 1982.

Cartograma 1 - Áreas alimentares do Brasil

No estudo da região Nordeste o fenômeno é explicado por suas causas estruturais:

Quatro séculos de ação tão extremada, a serviço de um só objetivo, deram ao processo de transformação econômico-social do Nordeste o sentido de uma dramática experiência sociológica [...]. Da paisagem nordestina a expressão geográfica é tão rica de significação e tão impregnada de história, que os seus traços componentes se destacam sempre bem ordenados, em função do elemento criador de sua vida econômica – a cana de açúcar (CASTRO, 1982, p. 113).

Na análise do nordeste açucareiro, ao discorrer sobre as condições histórico-econômicas, responsáveis pela formação dos hábitos alimentares, ressalta a ação destrutiva da monocultura canavieira, tanto para o meio natural, como para o homem:

Aos interesses da sua monocultura intempestiva, destruindo quase que inteiramente o revestimento vivo, vegetal e animal da região, subvertendo por completo o equilíbrio ecológico da paisagem e entravando todas as tentativas de cultivo de outras plantas alimentares no lugar, degradando ao máximo, deste modo, os recursos alimentares da região [...]

Contudo, mais destrutiva do que esta ação direta da cana sobre o solo é a sua ação indireta, através do sistema de exploração da terra que a economia açucareira impõe: exploração monocultora e latifundiária (CASTRO, 1982, p. 115-116).

A área do sertão do Nordeste é caracterizada por um novo tipo de fome, que se apresenta, episodicamente, em surtos epidêmicos. Estas fomes episódicas, consequência dos longos períodos de secas que atingem a região, caracterizam-se por:

[...] epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas (CASTRO, 1982, p. 175).

Apesar de o milho ser o alimento básico desta área, o estudo ressalta que não é exclusivo e não constitui a fonte obrigatória nem de proteínas, nem de vitaminas, nem de sais minerais do sertanejo, pois o milho é consumido, quase sempre, juntamente com o leite, o que resulta segundo Josué, numa “feliz” combinação. A caseína do leite completa as deficiências em aminoácidos da zeína do milho:

Nos tempos normais dificilmente topará o médico, mesmo o especialista arguto, com estados de hemeralopia, de beribéri, de pelagra ou de escorbuto, cuja existência o seu raciocínio puramente teórico faria supor ser frequente. Não. Estes casos só surgem, e então em trágica abundância, nos períodos calamitosos da seca (CASTRO, 1982, p. 209).

Geografia da Fome apresenta um relato minucioso dos efeitos da seca sobre as populações, seus trágicos quadros, bem como suas consequências físico-psico-biológicas. Médico, com larga experiência em doenças alimentares, conhecia muito bem as consequências da fome no equilíbrio biológico e psicológico dos indivíduos:

Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana como a fome quando alcança o limite da verdadeira inanição. [...]

[...] Estes estados de espíritos extremos representam, em última análise, as exteriorizações do tremendo conflito interior que se trava entre os impulsos e instintos da fome e os que levam a satisfação de outros desejos e aspirações. Entre a alma de homem e a do animal de rapina, entre o anjo e o demônio que simbolizam a ambivalência mental da condição humana (CASTRO, 1982, p. 249)⁷.

A seca marca a história social e cultural de uma imensa área do Nordeste brasileiro, gerando tipos sociais característicos e moldando a identidade social dos sertanejos da região do polígono. Esta

7 Knut Hamsun, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, com a obra *Fome*, em 1920, faz um impressionante relato de como a fome transforma a pessoa. Os delírios que provoca, a letargia, as mudanças físicas e psíquicas, a demencia.

identidade sertaneja tem sido construída ao longo dos anos a partir de uma visão de mundo embasada na fatalidade, no misticismo, na carência de água, na adversidade do clima e nas duras estratégias de sobrevivência a que está submetida à população nos períodos de estiagem prolongada. Soma-se a esses fatores a violência, a ganância e a impunidade dos grandes proprietários rurais que lucram com o fenômeno climático. Não sem bases histórico-estruturais tornou-se popular a expressão: “o problema do Nordeste não é a seca, mas a cerca”.

Para Josué a luta contra a fome precisaria ser encarada como uma luta contra o subdesenvolvimento em todo o seu complexo regional. Todas as medidas e iniciativas não passariam de paliativos enquanto não se procedesse a uma reforma agrária racional que libertasse as populações da servidão da terra, pondo-a a serviço de suas necessidades.

Sem uma verdadeira reforma agrária seria impossível se combater a fome e a miséria. Era necessário mexer nos privilégios de uns poucos, em detrimento do bem-estar da maioria da coletividade. Era preciso vencer este desafio para não se correr o risco de, no momento em que o Brasil dava um grande salto⁸ em sua história, não conseguir alcançar o outro lado do fosso, pois que não seria possível saltar esse fosso com um povo faminto, um povo que não dispusesse do mínimo essencial para suas necessidades básicas de vida: um mínimo de alimentação.

Desenvolvimento e reforma agrária, segundo Castro, eram elos de uma mesma corrente e não poderiam ser pensados separadamente. Só através de uma reforma agrária seria possível inocular na economia rural os germes de progresso e desenvolvimento representados pelos instrumentos técnicos de produção, pelos recursos financeiros e pela garantia de um justo rendimento das atividades agrárias. Era necessária uma política de reforma agrária que não apenas distribuísse terras, mas que realmente se comprometesse com uma nova ordem social.

Comprometido com as teses que defendia e caracterizando-se como um homem de ação e não apenas de reflexão, conclui Geografia da Fome enumerando dez pontos acerca da relação entre os problemas alimentares e as estratégias para o desenvolvimento brasileiro, ressaltando os quadros de fome endêmica e epidêmica que caracterizavam a nossa realidade, as consequências nefastas produzidas pela fome a corroer a alma dos famintos, levando-os da apatia e conformismo à explosão violenta e

8 Josué se referia aos cinco anos de governo de Juscelino Kubitschek e a sua proposta desenvolvimentista, famosa pelo slogan “cinquenta anos em cinco”.

desordenada, denominadas pelo autor de “rebeldias improdutivas”, como consequência de populações neurastênicas e avitaminadas.

Diante do que considerava “um falso desenvolvimento”, alertava para o aumento do desemprego, o inchaço das grandes cidades e o crescimento do pauperismo generalizado, o desequilíbrio entre a cidade e o campo e o perigo de se justificar sempre “o custo do progresso”.

As conclusões a que o autor chega em 1946, continuam válidas para o Brasil de hoje. As contradições internas, passados mais de sessenta anos, continuam desafiando os governos e criando novos desafios. Embora os dados estatísticos divulgados pelo governo brasileiro nos últimos anos, apontem para uma redução da miséria, o fosso entre os pobres e miseráveis e os ricos cresceu em igual período, evidenciando que a renda continua concentrada nas mãos de uns poucos. A fome, longe de ser um problema solucionado ou sob controle, em que pese às inúmeras campanhas, projetos e programas desenvolvidos com esta finalidade, ainda é um problema a ser superado, ainda solapa inúmeras vidas.

A reforma agrária continua a ser o “calcanhar de Aquiles” da política brasileira, como muito bem asseverou Castro ao tratar da questão na primeira edição de sua obra em 1946. Ao contrário do que apregoam os arautos governamentais, o pouco que tem sido feito nessa área deve-se à luta empreendida pelos trabalhadores sem-terra, através de suas organizações e das entidades que os representam ou apóiam, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de setores da Igreja Católica, bem como de outras organizações da sociedade civil que se mostram intolerantes com a perversa tolerância governamental.

O resultado da inoperância governamental tem se traduzido nas inúmeras mortes no campo decorrentes da luta pela terra e que deve ser entendida como uma luta pelo alimento, contra a fome e em defesa da vida. É um espelho que reflete os quadros da intolerância/tolerância.

As marcas geográficas da fome assinaladas por Josué de Castro e consideradas na época, por muitos críticos, como um desserviço ao país, foram e continuam sendo um desafio a ser superado. Estas marcas resultam de uma dívida social acumulada ao longo de séculos para satisfazer os interesses mesquinhos de uma elite dominante que tem se alternado no comando do país, subserviente ao capital internacional e sem nenhum compromisso com os estratos mais pobres da população.

O livro é um alerta para o intolerável: a fome, ao mesmo tempo em que denuncia o crime da tolerância com o intolerável, ou seja, o descaso da classe dirigente para com o estado de miséria e exclusão que marcavam o cenário nacional. Um retrato traçado há mais de sessenta anos e que continua válido para o Brasil do século XXI, conforme denuncia o excelente trabalho realizado por Xico Sá e U. Dettmar *A nova Geografia da Fome*, publicado em 2003.

O SOCIÓLOGO DA FOME

Josué de Castro foi sem sombras de dúvida o sociólogo da fome, como bem o denomina Renato Nascimento (2003), pois lega ao campo de estudos sociológicos as bases estruturais para uma sociologia da fome e, é através do estudo da fome, desde seus problemas fisiológicos até as suas consequências psicossociais e culturais que se debruça sobre a realidade brasileira, latino-americana e mundial.

Em 1955, o artigo “Crise Social e Desenvolvimento Econômico no Mundo”, posteriormente inserido na coletânea *Ensaios de Biologia Social* (1957), já revela sua inserção no campo das análises sociológicas da fome. Neste texto alerta para o aguçamento das tensões sociais, dos conflitos ideológicos, das competições econômicas e as fricções políticas entre grupos, classes e países. Não é o médico preocupado com os regimes alimentares que escreve, mas o cientista social engajado. Denuncia neste artigo, de forma contundente, que a instabilidade política agravava mais as divergências sociais, produzindo uma grave cisão entre o comportamento e a atitude mental dos homens de pensamento, dividindo-os em dois grupos: uma maioria de retaguarda, conservadora e ortodoxa e uma minoria de vanguarda, progressista e heterodoxa e enfatiza que a discussão sobre as desigualdades sociais, o desequilíbrio econômico, o pauperismo e a fome eram fatores cruciais para a análise efetiva das tensões sociais. Para Josué a fome era a mais grave manifestação do pauperismo mundial, gerado pelo progresso econômico defeituoso (CASTRO, 1957b, p. 164).

A análise o conduz a uma crítica da civilização mecanicista que, acreditando na irreversibilidade e inevitabilidade do desenvolvimento técnico e científico havia prometido o que não poderiam cumprir: um reino de felicidade e de abundância para todos.

[...] nossa civilização mecanicista depois de saquear o mundo de tal forma que já reconhece oficialmente que estão a esgotar-se as riquezas fundamentais do planeta, agora confessa a sua bancarrota e aconselha os povos marginais a restringir a sua natalidade a fim de que sejam poupados os restos do assalto em benefício dos atuais grupos privilegiados (CASTRO, 1957b, p. 165-166)⁹.

9 Poderíamos acrescentar: restringir seu consumo, pois esta é a máxima presente nos debates sobre a questão ambiental e o problema da poluição. As vacas na Índia, os refrigeradores na China, entre outros, são apontados como um dos responsáveis pelo buraco na camada de ozônio. É preciso, segundo os arautos do mundo desenvolvido, coibir o consumo de certos bens nos países pobres como medida para frear o aumento da destruição da camada de ozônio. Contudo

A crítica que apresenta em relação aos grupos privilegiados e ideologicamente alicerçados nas teorias neomalthusianas, o direciona a questionamentos sobre a panacéia do desenvolvimento, que segundo ele constituía-se na panacéia “preconizada hoje em dia para salvar nossa civilização acoçada pelo dilema da superprodução e do subconsumo, ou seja, da riqueza no meio da miséria” (CASTRO, 1967, p. 167)¹⁰.

Não atribuía à sociologia “a arte de salvar o Brasil” (PÉCAUT, 1990) numa alusão a expressão utilizada por Mário de Andrade ao referir-se a febre sociológica que havia dominado os meios intelectuais e políticos a partir dos anos 20 e, em especial, depois de 1934. Daniel Pécaut em *Os intelectuais e a política brasileira* destaca, ao tratar da vocação da elite dirigente, em especial da geração dos anos 25-40, que esta não solicitou a mão protetora do Estado, ao contrário procurou auxiliá-lo. Este foi o princípio norteador da fundação em 1933 da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, por um grupo de empresários paulistanos: formar em moldes modernos o empresariado nacional, bem como os homens de Estado. No dizer de Cândido Mota Filho “todo homem de Estado na sociedade moderna é mais ou menos, um sociólogo” (SADECK, 1978 apud PÉCAUT, 1990, p. 31). A sociologia, uma ciência da modernidade, era tida como imprescindível para os novos tempos. Nesta linha de raciocínio Josué de Castro entendia ser esta uma ciência que por sua complexidade, teria mais condições, no seio das demais ciências sociais, em especial da geografia, de melhor explicar determinados fenômenos sociais. A sociologia sempre foi entendida por Josué de Castro como um campo reflexivo multidimensional e não como instrumento de ação para modificar as sociedades.

Em *O Livro Negro da Fome* (1968) avança em termos teóricos no campo da sociologia ao propor uma nova teoria científica do desenvolvimento econômico, sem vínculos com os modelos exportados dos países desenvolvidos, bem como apresenta os pontos norteadores de um método que, segundo sua concepção, seria básico para se compreender “o mecanismo mais íntimo do círculo de ferro da fome e da

nada é feito para mudar os hábitos de consumo prejudiciais a destruição ambiental nos países ricos, em especial nos EEUU e Japão.

10 Morin apresenta uma crítica muito similar à que Josué faz e coloca-se no mesmo nível de inquietação: a necessidade de reformulação urgente do modelo adotado para o desenvolvimento e o enfrentamento do paradoxo progredir/resistir. Vide: Morin e Kern (1993).

baixa produtividade”. O seu objetivo é o de poder se elaborar um programa efetivo de luta contra a fome. Estão implícitas nesta proposta as bases de sua sociologia da fome¹¹.

Em *Sete Palmos de Terra e um Caixão – Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva* (1965), assume sua condição de sociólogo. Neste livro afirma sua postura de cientista comprometido, definindo a sua sociologia como “participante ou comprometida”:

Não é este um ensaio de sociologia clássica. De uma sociologia acadêmica, espartilhada na camisa de força de uma metodologia que sempre tentou separar, no sociólogo, o investigador do homem, e limitando sempre a função do sociólogo, a de um simples inventariante de tudo aquilo que se apresenta aos seus olhos, teleguiados por métodos de trabalhos consagrados. O nosso estudo sociológico é o oposto deste gênero de ensaio. É um estudo de sociologia participante ou comprometida. De uma sociologia que não teme interferir no processo de mudança social com os seus achados e, por isto mesmo, não tem o menor interesse em encobrir os traços de uma realidade social, cuja revelação possa acarretar prejuízos a determinados grupos ou classes dominantes. De uma sociologia que estudando cientificamente a formação, a organização e a transformação de uma sociedade em vias de desenvolvimento, compreende e admite que os valores mais desejáveis por esta sociedade são os ligados à mudança e não à estabilidade, e, por isto mesmo, se aplica em aprofundar ao máximo o seu conhecimento científico do mecanismo destas mudanças (CASTRO, 1965, p. 15).

Neste livro não só está se assumindo como sociólogo, como está discutindo questões teóricas no campo da sociologia, propondo uma ciência engajada, comprometida com seu objeto de estudo, como sujeito participante do processo social. Na defesa de suas concepções contrapõe a “sociologia comprometida” à “antiga sociologia”, defendendo a cientificidade da primeira e considerando a “antiga sociologia” de utópica e imobilista:

11 Em 26.02.61, Josué publica no *Jornal do Comércio* de Recife, o artigo “Um Prefácio à Sociologia da Fome”, baseado no prefácio da obra *O Livro Negro da Fome*, considerada por ele uma “*verdadeira sociologia da fome*”.

[...] a antiga sociologia era bem mais comprometida do que a sociologia nova cuja validade científica defendemos. Mas era comprometida com uma ideologia do imobilismo, de uma imagem estática da sociedade, considerada como uma coisa já feita, definitiva e perfeita, enquanto a nova sociologia considera a estrutura social como um processo em constante e rápida transformação (p. 15).

Esta sua postura frente à responsabilidade do investigador com a sociedade e os homens, bem como a rejeição dos determinismos contidos em supostas “verdades científicas”, está em consonância com as discussões mais recentes sobre os paradigmas tradicionais das ciências sociais e com a constatação de que os avanços e conquistas da ciência nos apresentam cada vez mais incertezas, na busca de uma “ciência com consciência” como projeto cognitivo para as humanidades (MORIN, 1994). E, na defesa de uma sociologia comprometida, contraposta à “antiga sociologia”, afirma:

[...] a verdadeira sociologia científica, como qualquer outro ramo da ciência contemporânea, é bem menos arrogante acerca de suas verdades do que a sociologia clássica, desde que hoje se sabe muito bem como todas as verdades são relativas. E o que chamamos de realidade científica, não só no mundo da sociologia, mas mesmo no terreno mais sólido da natureza física, são sempre produtos da interação entre os próprios fatos e o ato de observar do pesquisador, e que na verdade não existem realidades fora do campo de nossa observação. Há apenas possibilidades. [...] Se a reprodução das imagens do mundo natural é sempre eivada de certas deformações, imagine-se como não crescem estas deformações, quando se observa o mundo dos fenômenos sociais: da vida humana associativa, à qual o observador está ligado por laços de solidariedade ou de antagonismos, dos quais a própria estrutura do seu pensamento lógico não poderá se libertar inteiramente (CASTRO, 1965, p. 15-16).

A análise que faz nesta introdução a respeito da inversão do real pela idealização da observação, encontra eco na concepção moriniana de ciência e das armadilhas do olhar, bem como nas reflexões do sociólogo francês sobre a condição humana. Para Morin (1994, p. 101): “Homo é um complexo bio-antro-

pológico e bio-socio-cultural —. O homem tem várias dimensões e tudo o que desfaz este complexo é mutilador, não só para o conhecimento, como também para a acção”.

A sociologia da fome de Josué penetra no negro lamaçal dos mangues recifenses e de todo o Brasil pobre que vive em áreas similares. Seus trabalhos buscam sentir o drama de sua população anfíbia, meio homem, meio caranguejo, meio na terra, meio no lodo. Gente sem nada, fugida da seca ou expulsa de suas terras pela fome insaciável dos canaviais, dos latifúndios. Hoje podemos encontrá-los perdidos nas periferias insalubres das grandes e médias cidades do país buscando um porto seguro numa era onde a mobilidade e a fluidez é a característica básica. Gente que busca a solidez num tempo marcado pela liquidez (BAUMAN, 2001).

Não são mais os homens caranguejos enterrados na lama que caracterizam os excluídos de nosso tempo, mas sim os homens gabirus, enterrados nos lixões, populações inteiras que se criam e se alimentam do lixo, dos restos da sociedade do desperdício responsável por suas misérias.

A preocupação em denunciar as raízes sociais, políticas e econômicas da fome transformaram Josué de Castro em um verdadeiro “caixeiro viajante” de sua causa a denunciar a fome coletiva como um fenômeno social generalizado, geograficamente universal, pois não havia nenhum continente que houvesse escapado à sua ação nefasta.

UM AVISO, SIM! O OLHAR PROSPECTIVO SOBRE O MUNDO

Josué de Castro nunca deixou de acreditar num futuro promissor para a humanidade, apesar de ter seus direitos políticos cassados e ser banido do país pelo Golpe de 1964 e, mesmo diante dos prognósticos sombrios que já se anunciavam no final da década de 1960 e início de 1970, afirmava que sua vida era baseada em esperanças e que esperança e solidariedade deveriam contaminar o planeta como um todo.

Não é possível que alguém que se preocupasse como eu, com o problema da fome, do subdesenvolvimento e da miséria não estivesse sempre com esta ansiedade, esta preocupação e angústia sobre o futuro da humanidade. Por outro lado, como homem de ciência, que procura ver, vislumbrar o que pode trazer a ciência e a técnica à humanidade, ao mesmo tempo que essas a ameçam, só um homem que tem esperança e que no fundo é um otimista a longo prazo – depois de todas as tormentas porque estamos passando ou iremos

passar! – acredita que virá certamente uma era de civilização verdadeira para o homem do amanhã (apud SILVA, 1998, p. 157-158)¹².

Antes que a temática do meio ambiente se tornasse um tema obrigatório nas pautas de discussão sobre o futuro do planeta ela já estava presente em suas reflexões, por isso após a Conferência Internacional de Estocolmo, posiciona-se veemente:

Na Conferência Internacional de Estocolmo sobre o ambiente defrontam-se duas correntes: a primeira preocupa-se com o desenvolvimento tecnológico antipoluição; a segunda, com a profilaxia e a preservação do que pode ser salvo. Alinho-me nesta segunda corrente [...] aliás, presido a um grupo, na Universidade de Vincennes, que estuda a preservação da Amazônia de um mau tipo de desenvolvimento (apud SILVA, 1998, p. 158)¹³.

- 12 Estes depoimentos foram extraídos de várias entrevistas concedidas entre 1968 e 1972 e representam os últimos depoimentos de Josué de Castro, evidenciando sua preocupação diante das perspectivas futuras dos rumos da sociedade humana. Neste final de século estamos vivenciando as considerações de suas reflexões baseadas na Prospectiva. Vide: Conversando com Josué de Castro. Seara Nova, Portugal, 1970, p. 4, 8; Après la Conférence Mondiale sur le Commerce et le développement, entrevista de Jean Wolf. La Vie Africaine, n. 49, 21 de maio de 1964; Josué de Castro (Um Animal Pré Atômico), depois de uma catástrofe só escaparão os caranguejos. Visão Mundial, Portugal, 1 de maio de 1970, p. 33-37; Josué de Castro fala ao S.I. Entrevista de Afonso Cautela. Revista Século Ilustrado, Portugal, 29 de agosto de 1970, n. 1701, p. 16-21; Esprit nouveau dans un monde nouveau. Revista Univers (Tema Construire) Publication annuelle de la Société Teilhard de Chardin, Bruxelas, 12 de setembro de 1968, n. 5, p. 67-70; Josué de Castro; Du tourisme qui coûte Cher. Entrevista de Maurice Achard. COMBAT, Paris, 1970; Josué de Castro – Cidadão do Mundo. Entrevista de Gonçalves Araújo. Visão Mundial, Portugal, 14 de março de 1969, p. 31-33; Entretien avec Josué de Castro. Entrevista de A.M. Duchesne, REVUE CHRÉTIENNE DE CULTURE, maio de 1968, n. 293, p. 3-5, 24; Josué de Castro: las dudas de um pacifista. Entrevista de Túlio Raul Rosembug. Madrid s/d; Entrevista com Josué de Castro. Seara Nova, Portugal, jul. de 1972, n. 1521. p. 8-10; Outra vez Josué de Castro. Revista Índice, Madrid, 1970, p. 55; La Surpopulation est un faux probleme. LES INFORMATIONS, Paris, 8 de maio de 1972, n. 1408. p. 100-106; Repenser Le Monde – A locution de M. Josué de Castro. CITES UNIES, Paris, janeiro 1968, n. 52-53, p. 57-59.
- 13 Este é um grupo pioneiro e produz um relatório bem interessante sobre os problemas ambientais da região amazônica. Em sua agenda de contatos figuram os nomes, entre outros, de Edgar Morin, Ignacy Sachs. A respeito vide Silva (1998).

Questionado se considerava o seu trabalho como escritor um aviso, um caminho, uma solução para o problema, pondera:

Um aviso, sim! Tenho impressão que é uma espécie de grito de alerta. Quando escrevi a Geografia da Fome em 1946, e depois a Geopolítica da Fome, em 1950, em que denunciei ao mundo o problema da fome, que até então era tabu, do qual não se falava, se tinha medo [...] e a repercussão que teve, através de vinte e cinco traduções, em vinte e cinco línguas diferentes, da Geopolítica da Fome, através do eco de interesse e simpatia, com que foi recebida essa revelação (com críticas e acusações severas), mostra bem que foi um grito. [...] Foi talvez uma revelação, [...] Só o tempo dirá se essa revelação fez mudar os destinos do mundo ou não. Poucos são os livros que interferiram no mundo. [...] ¹⁴. Não é com livros que se muda os destinos do mundo, mas pelas atitudes. Os homens de pensamento pesam pouco no centro das decisões políticas daqueles que dirigem a humanidade. Mas, de vez em quando, alguns pensamentos, algumas ideias, têm uma tal força de penetração que fazem com que esses homens, mais preocupados com a ação do que com a reflexão, pensem um pouco e mudem, façam até certo ponto, transformar aquilo que é necessário mudar, que são as estruturas sociais, econômicas e políticas, que hoje emperram a aplicação do progresso, da ciência e da técnica, em benefício da humanidade (apud SILVA, 1998, p. 159).

- 14 Em Os Livros que Abalaram o Mundo, Josué de Castro aborda este tema afirmando: “[...] não vejo bem como os livros tenham influenciado diretamente o rumo da história. De forma direta como influência cataclísmica, provocando transmutações. Não é o livro o instrumento mais adequado para tais tarefas. São muito mais a espada, o canhão, a máquina, a astúcia, a maquinação. [...] No limitado horizonte dos nossos conhecimentos destacamos algumas obras que desempenharam realmente este papel na história do Mundo: a Bíblia, a Obra de Confúndiu, de Budha, de Mahomet, de Marco Polo, de Maquiavel, de Montesquieu, de Rousseau, de Marx e Engels, de Sorel, de Einstein, de Pavlov, de Lenine, de Adolf Hitler. [...]” (Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1957).

Em algumas entrevistas concedidas entre 1968 e 1972, trás à tona fragmentos avaliativos de seu percurso intelectual que revelam a dialogia vida-ideias (MORIN, 1992) constante em todos os seus escritos.

Comecei a interessar-me pelos problemas da nutrição, como médico; mas verifiquei que esse problema da nutrição e da alimentação não era um problema exclusivamente médico, era um problema econômico e social. E como não sabia economia, nem sociologia, como não sabia nada – sabia mal medicina – e como também não tinha a quem perguntar porque também ninguém, no Brasil, sabia nada, tive de começar a estudar outros livros: de sociologia, de antropologia, de economia [...] e acabei, veja professor dessas coisas todas, sem saber. É o que se chama um auto didata, [...] – Isso é dialética, por um lado, e prospectiva por outro. É método socrático também [...].

[...] subdesenvolvimento [...] a palavra criei-a em 1949, mas não era com esse sentido que lhe dão hoje. [...] Criei a palavra, mas ela já não é mais aquilo que eu pensava. [...] A minha ideia – quanto a esta palavra – hoje é a mesma, não mudou nada. [...] Subdesenvolvimento é um produto inevitável do desenvolvimento. É o outro lado da medalha.

[...] Já na ‘Geopolítica da Fome’ está o que está hoje nos jornais: que vai haver espécies novas que vão ser criadas e que vão salvar a fome do mundo, etc. Disse isso há 30 anos, sem saber que estava a fazer profecia. ‘Estava na cara’, como si diz no Brasil, mas não sabia que era prospectiva.

A noção de base da Prospectiva é a noção de probabilidade. É talvez a única ciência ou a mais essencial das ciências para os países subdesenvolvidos [...] é certo que temos de enfrentar o problema da fome mundial. Há soluções técnicas para o problema. De modo que não há nenhum perigo de morrermos de fome, tecnicamente. Podemos morrer de fome politicamente.

[...] No fundo, nós só temos um caminho, que é o da paz. Trata-se apenas de escolher o tipo de paz: ou a paz da harmonia entre os homens considerada

como uma sociedade solidária, dentro de uma cultura realmente universal, essa paz dos homens vivos, ou a paz dos cemitérios, em que será transformado o planeta, se realmente predominar a loucura dos homens¹⁵.

Embora no Brasil, após o golpe de 1964, o nome de Josué de Castro tivesse sido varrido das prateleiras e seus textos não fossem mais divulgados por ser considerado pelo governo “um perigoso subversivo”, o mesmo não ocorria no exterior, pois onde quer que fosse era reverenciado e procurado para emitir sua opinião sobre a situação mundial, para falar de suas experiências, havia ser tornado de fato um cidadão do mundo.

Entre 3 de março e 7 de junho de 1969, cerca de 10.000 pessoas distribuídas em 87 países elegeram, através de correspondência, Josué de Castro e Jeanne Haslé – Diretora do Registro Internacional dos Cidadãos do Mundo – os primeiros delegados para o “Congresso dos Povos”. Nessa ocasião declara a um jornalista: “Com esta revolução material aparecerão um grande número de problemas que não podem mais ser solucionados a não ser em escala mundial porque, na verdade, nós vivemos hoje uma época planetária” (MONDE UNI, 1969, p. 3).

A partir de 1970, frente ao agravamento dos problemas ambientais no contexto mundial e da Conferência de Estocolmo, insere de forma mais enfática a preocupação com os problemas ambientais em suas reflexões, embora estas já estivessem presentes em seus estudos desde a década de trinta quando não se falava de problemas ecológicos com a ênfase que passou a ter após a década de 1970, mas correlaciona a questão ambiental ao subdesenvolvimento e a fome:

[...] os países subdesenvolvidos são presas da fome, da miséria, das doenças de massa, do analfabetismo. O Homem do Terceiro Mundo conhece essa forma de poluição chamada ‘subdesenvolvimento’. E devo dizer que esta é a forma mais grave, mais terrível de todas. [...] O desenvolvimento traz consigo, de um lado, suas riquezas, suas novas fabricações e, de outro, seus dejetos. O Terceiro Mundo está no lado dos dejetos. [...] o subdesenvolvimento que

15 Estes depoimentos foram extraídos de várias entrevistas concedidas entre 1968 e 1972 e representam os últimos depoimentos de Josué de Castro, evidenciando sua preocupação diante das perspectivas futuras dos rumos da sociedade humana. Neste final de século estamos vivenciando as considerações de suas reflexões baseadas na Prospectiva (Ver SILVA, 1998).

sofrem é a secreção de um tipo de desenvolvimento, concebido sem respeito pela Natureza e no qual o homem não passa de um instrumento da produção. [...] Para dominar realmente o problema do meio ambiente, seria preciso, além de uma ampla consulta geral indispensável, a autoridade de um 'governo mundial', ou se, a expressão incomoda, de uma instância planetária soberana a ser definida (CASTRO, 1972).

Para Correia de Andrade (1993), a releitura da obra de Josué de Castro é de suma importância, principalmente no momento atual, em que se coloca na pauta de discussão, entre outros temas, a internacionalização da economia, o enfraquecimento do poder do Estado, a privatização da economia. Isto porque há várias décadas ele já discutia estas questões, embasado nos princípios da prospectiva. Correia destaca que ele priorizava a luta contra a fome por admitir que esta era a mais ostensiva demonstração de miséria e que levaria as populações atingidas a um processo de degradação moral e física, com consequências sociais imprevisíveis. Josué tinha os olhos no futuro e por isso

[...] ele não se negou aos combates pela modernização, no sentido amplo, do país, pelas campanhas de diminuição das diferenças sociais entre as pessoas e as classes, assim como pela apresentação de soluções para os problemas a nível regional e internacional. Ele era um cidadão brasileiro com uma visão e uma preocupação com os problemas mundiais e um cidadão do mundo que lutava e se arriscava em defesa da transformação da sociedade brasileira dentro de critérios racionais e populares (ANDRADE, 1993, p. 37).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia de. Atualização do pensamento de Josué de Castro. **Conjuntura Alimentos**. Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Coordenadoria de Abastecimento, Governo do Estado de São Paulo, v. 5, n. 2, jun. 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BUCK, Pearl. Prefácio. In: CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1953.

CASCUDO, Luís da Câmara. O historiador da fome. In: ASCOFAM. **O drama universal da fome**. Rio de Janeiro, 1958.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Ensaio de biologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. Entrevista com Josué de Castro. **Terre Entière**, n. 2, set. 1972. Entrevistadores Jean Prédine e Roger Wellhoff.

_____. **Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1982. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil).

_____. **Geopolítica da fome**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1953.

_____. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **O livro negro da fome**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Sete palmos de terra e um caixão: nordeste uma zona explosiva**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

DAHL, Gustavo. Uma estética da fome. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 4, 1965.

FOME é a vergonha do mundo. In: MUNDO ilustrado. Rio de Janeiro, 1960.

MONDE UNI, 1969, p. 3.

MORIN, Edgar. **O Método IV. As Ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa-América, 1992.

_____. **Ciência com consciência**. Portugal: Europa-América, 1994.

MORIN, Edgar; KERN, Brigitte. **Terre Patrie**. Paris: Seuil, 1993.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: o sociólogo da fome**. 2003. Dissertação (Mestrado) – UNB, Brasília, 2003.

A NOITE ilustrada. Rio de Janeiro, 1963.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

SÁ, Xico; DETTMAR, U. **Nova geografia da fome**. Fortaleza, CE: Tempo d'Imagem. 2003.

SILVA, Tânia Elias M. da. Josué de Castro: para uma poética da fome. 1998. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

